



O FIM, O INÍCIO E O QUE JÁ NÃO EXISTE: OS DUPLOS MÚLTIPLOS EM TERRA SONÂMBULA



Daniela Werneck Ladeira RÉCHE*
Juliana Gervason DEFILIPPO**

RESUMO

Este estudo busca refletir acerca dos duplos que rondam sonambolicamente a Moçambique recém descolonizada de Mia Couto em Terra Sonâmbula. Entendemos que Tuahir, Muindinga e Kindzu são três personagens que só existem porque ancorados em uma existência do duplo, no qual o eu é um outro em toda a narrativa. Esses sujeitos traumatizados pela destruição da nação se constroem e reconstroem continuamente por meio das vivências relatadas. O velho, o novo e o ausente são significados pelos destroços dos cadernos encontrados nas ruínas do país devastado. Além disso, também visamos mostrar como o duplo perpassa a própria constituição da narrativa, que se apresenta como histórica e mitológica, inventada e experienciada pelos narradores, múltipla e una.

Palavras-chave: Duplo. Identidade. Mia Couto.

1 INTRODUÇÃO

Se o real me incomoda e se desejo livrar-me dele, me desembaraçarei de uma maneira geralmente mais flexível, graças a um modo de recepção do olhar que se situa a meio-caminho entre a admissão e a expulsão pura e simples: que não se diz sim nem não à coisa percebida, ou melhor, diz a ela ao mesmo tempo sim e não. Sim à coisa percebida, não às consequências que normalmente deveriam resultar dela.

Clément Rosset. **O real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro. (Fala de Tuahir)

Mia Couto. **Terra sonâmbula**

* Doutoranda em Literatura Comparada e Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais.

** Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

O que é o eu senão uma totalidade de múltiplos, em um permanente jogo de forças? O que é o ser senão uma disputa de máscaras, que são alteradas de acordo com fluidez do viver? O que é esse sujeito marcado por camadas de vozes que se dissolvem no fragmentar do falso absoluto da sua existência? Sabendo que somos atravessados pela pluralidade de sentidos das vidas, como pensar no único estático e totalizante de cada sujeito?

Note-se que neste trabalho se concebe a vida por si só – daí o seu plural – já como algo móvel, dinâmico, em transformação constante, atravessada por ações e reações que possibilitam a libertação, pela criação, de um engessamento causado pela cultura na qual estamos imersos, pensando no que para Nietzsche se constituía como o viver. Como não entender esse homem, então, como um duplo, um representante da “técnica do ilusionista, que conta com o mesmo efeito de deslocamento e de duplicação da parte do espectador: enquanto se ocupa com a coisa, dirige o seu olhar **para outro lugar**, para lá onde nada acontece” (ROSSET, 2008, p. 22)?

A partir dessa perspectiva, podemos compreender a teia discursiva que se desloca “sonambulanticamente” em **Terra Sonâmbula**, de Mia Couto: não existe apenas um uno absoluto, adaptado à escravidão da vida estática e imóvel, mas múltiplos duplos, que criam vidas em movimento, sem, no entanto, movimentar-se. As vidas se movimentam por esse sujeito.

- Lhe vou confessar, miúdo. Eu sei que é verdade: não somos nós que estamos andar. É a estrada.

(...) E Tuahir revela: de todas as vezes que lhe guiara pelos caminhos era só fingimento. Porque nenhuma das vezes que saíram pelos matos eles se tinham afastado por reais distâncias.

- Sempre estávamos aqui pertinho, a reduzidos metros.

Tudo acontecera na vizinha do autocarro. Era o país que desfilava por ali, sonhambulante (COUTO, 2007, p. 137).

Tuahir, o velho, o fim de uma terra devastada pela guerra, que é Moçambique; Muidinga, o novo, o início de uma utopia de reconstrução de uma nação; Kindzu, o fantasma, o ausente que é trazido de volta à vida pelas palavras de “cadernos escolares, gatafunhados com letras incertas” encontrado nos destroços do que já havia sido. Três personagens de um mesmo eu, duplos em sua multiplicidade: o sujeito traumatizado pela destruição de sua ancoragem no espaço e no tempo, de sua nacionalidade, de seu território.

Esse ser fraturado, assim como a terra pela qual se desloca, vive em plenitude com os seus outros: a alteridade, aqui entendida como a voz e os escritos dos personagens que existem em um único ser, possibilita um encontro rico com o seu ser-estar no mundo, como destaca Bravo (2005, p. 287): “A alteridade dentro do eu é que vai permitir um diálogo, um reencontro, até mesmo uma solidariedade com o outro”. Podemos perceber isso pelo falar do narrador que acompanha, pacientemente, o caminhar em círculos infinitos de Tuahir e Muidinga pelo país estilhaçado das histórias de Kindzu: “Não fossem as leituras eles estariam condenados à solidão. Seus devaneios caminhavam agora pelas letreiras daqueles escritos” (COUTO, 2007, p.139).

Partindo do pressuposto que esse duplo pode ser entendido como o único que dá conta de ser nesse amontoado de escombros da história vivida, pode-se entender que a escolha pelos discursos sob a égide do talvez – é e também não é – ou seja, não da recusa consciente pelo que se vê, “não nego em nada o real que me é mostrado. Mas minha complacência para por aí. Vi, admiti, mas que não me peçam mais. (...) Coexistem paradoxalmente a minha percepção presente e o meu ponto de vista” (ROSSET, 2008, p.16), é uma maneira de encenar os fantasmas que coabitam esse eu moçambicano, que existe como um sonâmbulo, aquele que está entre o sono e o despertar, entre o sonho, o desejo e o real vivido e experimentado. Segundo Nietzsche (apud ROSSET, 2008, p.11), na terceira **Intempestiva**, “no fundo, todo homem sabe muito bem que só viverá uma vez, que é um caso único, e que jamais o acaso, por mais caprichoso que seja, poderá reunir duas vezes uma variedade tão singular de qualidades fundidas em um todo”.

Podemos, com isso, compreender esse duplo como uma forma de uma vivência estendida, ainda pulsante porque viva infinitamente, já que ressuscitada pelos discursos, que não cessam de falar, sejam pelas palavras arquivadas nas folhas de papel de Kindzu, sejam nas reflexões conservadas nas falas do velho Tuahir e de Muidinga? Conseguimos, então, perceber os mundos vividos por esses duplos também eles próprios como “duplicatas [onde] tudo não passa de aparência, (...) tudo o que parece ser objetivo é na verdade subjetivo, o mundo não é senão o produto do espírito que dialoga consigo próprio” (BRAVO, 2005, p.270), que se desdobram ininterruptamente?

Buscando, então, fazer uma leitura do duplo nessas narrativas múltiplas encontradas em **Terra sonâmbula**, compreendendo como dual não apenas os personagens, mas a própria narrativa, que se desdobra em histórica e mitológica, em real e ilusória, em inventada e vivida, serão mobilizadas as reflexões de Clément Rosset sobre o duplo; de Jeffrey Cohen a respeito dos monstros como representantes do outro, do “isto e/ou aquilo”, que também constitui o duplo; de Nicole Fernandez Bravo, que faz uma trajetória do duplo na literatura; de Márcio Seligmann-Silva e suas considerações sobre o eu traumatizado, dentre outros que trabalhem com as temáticas abordadas neste ensaio.

2 CISÃO DO INTRÍNSECO AO EU: OS DUPLOS PERSONAGENS

Eus que deixam rastros, inscrições, pistas pelos discursos silenciosos. Eus que buscam transcender, sobreviver, permanecer por meio das palavras mudas. Espectros, poeiras e traços do dizível: não-ditos se encontram pulsantes e vivos em vivências esfaceladas pelo trauma da guerra. O trio atípico de personagens de **Terra sonâmbula** é composto por sujeitos frágeis, fracionalizados, marginalizados e errantes, que narram uma nação lacunar e despedaçada por meio de um falar dissonante: a de um eu inscrito em uma multiplicidade de vozes antropofágicas, que se nutrem de todas as experiências vividas por todos os eus da narrativa.

O duplo, que aqui pode ser caracterizado como o monstro, em seu sentido de deslocamento, do outro que gera angústia e medo por ser desconhecido, do híbrido que não aceita sistematização, é também construído sob um “sistema que permite a polifonia, a reação mista (diferença na mesmidade, repetição na atração) e a resistência à integração (COHEN, 2000, p.30). Sendo assim, já não são parte de uma lógica cartesiana, excludente, em que se é ou não e, totalizando esses estilhaços dos vários outros interiores ao eu: são criados a partir de rupturas, fragmentações e recombinações, “no qual se extraem elementos de ‘várias formas (incluindo – na verdade, especialmente – grupos sociais marginalizados), que são, então, montados como sendo ‘o monstro’, que pode, assim, reivindicar uma identidade independente” (GIRARD apud COHEN, 2000, p.39).

O falar de uma Moçambique recém-saída dos jugos coloniais, em uma guerra interna pelo controle de uma terra em ruptura, encontra ressonância nos discursos

desses anti-heróis, já que exilados, precários, aparentemente fracos, representados por Tuahir, Muindinga e Kindzu: eles contam sobre um povo esfacelado, em ruínas, que só poderá ser reconstituído por meio de seus restos, que serão modelados para uma encenação de um espaço e tempo outros. Esses restos compõem varias facetas de um mesmo lugar, deixando a verdade absoluta sobre a história em suspenso, fazendo, com isso, falar os silêncios, os indizíveis, os lacunares, os vazios. Como nos diz Seligmann-Silva (2003, p.389), quando discorre sobre a narração do trauma, “ao invés da linearidade limpa do percurso ascendente da história tal como era descrita na historiografia tradicional, encontramos um palimpsesto aberto a infinitas re-leituras e re-escrituras”.

Isso pode ser percebido quando nos é apresentada a paisagem desoladora na qual nossa narrativa transcorrerá: a terra está morta, “pelos caminhos, só hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras”, quando se avista “um velho e um miúdo [que] vão pela estrada. (...) Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. (...) Vão na ilusão de, mais alem, haver um refugio tranquilo” (COUTO, 2007, p.9). O que atravessa a narrativa não é um espaço e tempo concretos, passíveis de serem entendidos em seu absoluto e único: não se sabe quem são eles, de onde vem, para onde andam, o que fazem em meio à destruição desse ambiente.

Rosset (2008, p.28) nos convida a uma reflexão sobre esses incertos e indecidíveis desses mundos nos quais se encontram em um movimento pendular infinito esses personagens:

Entre o acontecimento anunciado e o acontecimento efetuado há um tipo de diferença sutil que basta para desconcertar aquele que, no entanto, esperava precisamente aquilo de que é testemunha. Ele reconhece sim, mas logo não o reconhece mais. Entretanto, não ocorreu nada além de um acontecimento anunciado. Mas este, inexplicavelmente, é outro (ROSSET, 2008, p. 28).

Já não se sabe, ao ouvir as conversas de Tuahir e Muindinga ou ao ler os escritos de sobrevivência de Kindzu, os limites entre os reais e os seus duplos, os imaginados e os vividos: as narrativas se fundem, rememorando, em um movimento de duplicação do tempo, uma vivência presente – os destroços da guerra pós-colonial moçambicana. As lembranças não são mais válidas para falar de um

passado destruído: elas são ressignificadas para contar um devir, da criação, da reconstrução.

Tais análises encontram eco nos fragmentos de uma conversa entre Tuahir e Muidinga, após a primeira noite da qual temos conhecimento no território devastado. Muidinga quer saber quem era ele antes do velho Tuahir o encontrar. Entretanto, este prefere a não resposta, talvez pela angústia de reviver um passado traumático em um presente em que os indizíveis representam aquilo que não é possível mais de ser dito.

- Mas o senhor me conhecia, sabia quem eu era?
- Nada. Você nunca me foi visto. Agora, acabou-se a conversa. Apague a fogueira. (...)
- Tio, tio! Eu me lembrei de minha escola!
- (...)
- Me lembrei, juro!
- Te lembraste o quê?
- Das vozes, da barulheira dos outros meninos.
- Escuta uma coisa de vez por todas: nunca houve nenhuns outros meninos, nunca houve nada. Ouviste? Fui eu que te apanhei, baboso e ranhado, faz conta tinhas sido dado parto assim mesmo. Nascestes comigo. Eu não sou teu tio: sou teu pai (COUTO, 2007, p.35; 37).

O temor de reviver o trauma, sendo possível o seu falar apenas pela voz de um mediador, no caso, a escrita, também é percebido no trecho inicial do primeiro caderno de Kindzu:

Quero por os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz (COUTO, 2007, p.15).

Seriam esses vários eus, disfarces para sobreviver em meio às ruínas, já que o testemunho, partindo de Freud, já não é mais possível, senão por meio de reconstruções, sombras fantasmagóricas do passado, montando-se, por isso, um quebra-cabeça de histórias e sujeitos e vivências, “vale dizer, uma *collage* de escombros e fragmentos de um passado que só existe na sua configuração presente de destroço” (SELIGMANN, 2003, p.70)?

As impossibilidades que fazem parte das lembranças desse sujeito traumatizado pelo horror de uma guerra podem ter ajudado a criar essa pluralidade de identidades, esse mosaico de um eu que narra para lembrar, mas, principalmente, para esquecer, sobrevivendo, mesmo que como fantasma em meio

a “miragens de solidão”, título do nono capítulo da narrativa, que tão bem sintetiza o viver estando morto.

- Tio, eu me sinto tão pequeno...
- É que você está só. Foi o que fez essa guerra: agora todos estamos sozinhos, mortos e vivos. Agora já não existe país (COUTO, 2007, p.153)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espaço de acúmulos e dispersões de discursos, de dizíveis e fragmentos, de conservações e amnésias. Quando essa narrativa testemunha um presente-passado-futuro, tempo sem definição, de horror, os dizeres tornam-se ruínas do sujeito que se duplica infinitamente, talvez justamente para tentar escapar da dor do que experiência. São os traços de diálogos entre os dois forasteiros em sua própria terra, permeados, ainda, pelas letras vacilantes inscritas em papéis encontrados em meio ao que sobrou de um cenário tomado pelo fogo, que fazem sobreviver.

O múltiplo fragmentado torna-se um ser fantasmagórico, o qual ainda encontra esperanças de continuidade interminável, por meio de jogos de trocas de viveres possíveis apenas pela narrativa:

De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra (COUTO, 2007, p. 204).

No morto desse caminho, há, entretanto, a reconstrução da vida pelas palavras, tão delicadas e frágeis, que fazem renascer os duplos sujeitos que vivem dentro desse eu mosaico, plural, infinito.

THE END, THE BEGINNING AND THAT NO LONGER EXISTS: THE MULTIPLE DOUBLE IN TERRA SONÂMBULA

This study aims to reflect about double that somnambulantlly prowl Mia Couto's just decolonized Mozambique in Somnambulant Land. We understand that Tuahir, Muindinga and Kindzu are three characters that exist only because anchored in a double-existence, in which the self is another one throughout the narrative. These guys that were traumatized by the destruction of the nation are constructed and continuously reconstructed through reported experiences. The old, the new and the absent are signified by the wreckage of the books found in the ruins of the devastated country. Moreover, we also aim to show how the double permeates the very constitution of the narrative, which is presented as historical and mythological, invented and experienced by narrators, multiple and unite.

Keywords: Double. Identity. Mia Couto

REFERÊNCIAS

BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. 4. ed. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 261-288.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Pedagogia dos monstros**: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**: Ensaio sobre a ilusão. Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre; São Paulo: L&PM, 1988.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.